

## PATERNIDADES ENGAJADAS: UMA ETNOGRAFIA ENTRE BRASIL E FRANÇA DURANTE A CRISE SANITÁRIA DA COVID-19

Camila Pires F. Garcia  
*Mestre em Antropologia e Etnologia pela Université de Paris.*  
camilapiresg@gmail.com

Larissa Maués Pelúcio Silva  
*Doutora em Ciências Sociais e Professora de Antropologia UNESP - Bauru*  
larissa.pelucio@unesp.br

*Simpósio Temático nº ST 01: "MENINOS VESTEM AZUL": A PERMANÊNCIA DA  
IMPORTÂNCIA DOS ESTUDOS DA(S) MASCULINIDADE(S) PARA AS CIÊNCIAS  
SOCIAIS*

### RESUMO

Nesta apresentação propomos um olhar crítico ao exercício da paternidade engajada, situando o estudo no contexto da pandemia da Covid-19, no qual abordamos comparativamente o cenário metropolitano brasileiro e francês. Tomamos a paternidade engajada como desencadeador para a reelaboração dos sentidos e significados das relações de gênero contemporâneas. Partimos de etnografia multissituada, considerando seis micro histórias de homens cisgêneros, heterossexuais e de classe média, que se consideram envolvidos na paternidade e que têm pelo menos um filho com até sete anos. Somamos ao trabalho imersivo, entrevistas online realizadas entre 12/2019 e 06/2021, além de revisão da literatura de estudos de gênero e sobre economia e ética cuidados em perspectiva feminista. Nesta apresentação trazemos a análise descritiva das transformações relevantes para os indivíduos em relação ao imaginário da paternidade ideal, o desejo de ser pai, a consciência de privilégios de gênero e a busca contínua por reconhecimento social; discutimos questões associadas à masculinidade hegemônica e os conflitos relacionados ao antagonismo entre virilidade e sensibilidade, além das tensões associadas às diferenças geracionais; fazemos uma descrição densa das técnicas corporais associadas ao cuidado infantil dos impactos do isolamento social nas dinâmicas domésticas. Concluimos que, apesar da distância geográfica e cultural, o comportamento dos pais engajados apresenta convergências consistentes, o que indica uma possível tendência global entre homens de classe média de certo incômodo em relação à forma como a masculinidade/paternidade está posta pelo regime heteronormativo. Estas mudanças podem sinalizar os efeitos privados das transformações públicas recentes como a inflexão feministas e dos debates alargados sobre diversidade sexual.

**Palavras-chave:** Paternidade engajada, Isolamento social, Atitudes parentais, França, Brasil.

## ABSTRACT

In this presentation we propose a critical look at the exercise of engaged fatherhood, situating the study in the context of the Covid-19 pandemic, in which we comparatively approach the Brazilian and French metropolitan scenario. We take engaged fatherhood as a trigger for the reworking of the senses and meanings of contemporary gender relations. We start from multi-situated ethnography, considering six micro-stories of heterosexual men who consider themselves engaged fatherhood and who have at least one child up to seven years old. We added to the immersive work, online interviews conducted between 12/2019 and 06/2021, as well as literature review of caregiving and gender studies. In this presentation we bring the descriptive analysis of the relevant transformations for individuals in relation to the imaginary of ideal fatherhood, the desire to be a father, the awareness of gender privileges and the continuous search for social recognition; we discuss issues associated with hegemonic masculinity and the conflicts related to the antagonism between virility and sensitivity, in addition to the tensions associated with generational differences; we make a dense description of body techniques associated with childcare of the impacts of social isolation on domestic dynamics. We conclude that despite geographic and cultural distance, the behavior of engaged fathers shows consistent convergences, indicating a possible global trend among middle-class men of a certain discomfort with how masculinity/paternity is posited by the heteronormative regime. These changes may signal the private effects of recent public transformations such as the feminist inflection and the broadened debates about sexual diversity.

**Keywords:** Engaged fatherhood, Lockdown, Parental attitudes, France, Brazil.

## INTRODUÇÃO

No contexto do isolamento social devido à crise sanitária provocada pela pandemia da COVID-19, as dinâmicas familiares foram diretamente afetadas pelo aumento do tempo gasto em espaços privados e pela redução da rede de apoio externo às famílias. Amplos estudos foram realizados neste período evidenciando o agravamento das desigualdades de gênero associadas a invisibilidade do trabalho de cuidado, majoritariamente realizado por mulheres. No entanto, neste trabalho, buscamos investigar realidades alternativas, tendo como ponto focal o comportamento de pais cuidadores, leia-se homens cisgêneros, como cuidadores.

Sabemos que a associação entre parentalidade e cuidado, tem ganhado relevância nas últimas décadas através das reflexões dos estudos de gênero, nos campos da antropologia (Fonseca, 2002; Martial, 2012; Martial, 2016), psicologia (Gilligan, 2009), na sociologia (Neyrand, 2011; Connell, 2013; Castelain-Meunier, 2002); e nas ciências políticas (Tronto, 2008), apesar disso, pensar o homem como figura que

desempenha função cuidadora, continua sendo um objeto de estudo pouco explorado na academia, com carência de pesquisas de campo principalmente no contexto brasileiro.

Buscamos, portanto, investigar como as restrições de deslocamento impostas pela pandemia refletiram na incorporação de funções e tempo destinado para o cuidado, tendo o pai cuidador, como objeto de estudo. Para tal, recorreremos a realização de uma etnografia multissituada comparativa, composta com seis micro-histórias de homens cisgêneros, heterossexuais, que se consideram envolvidos na paternidade e que têm pelo menos um filho com até sete anos. Entre estes, três moram na principal região metropolitana da França (Île-de-France) e três habitam regiões metropolitanas no Brasil<sup>1</sup> (São Paulo, Recife e Curitiba). Para estes casos, consideramos a seguinte questão como orientadora desta pesquisa: a “paternidade engajada” pode ser um elemento de transformações das masculinidades em sua dimensão prática-cotidiana? Essa rotina de cuidados tem potencial de alterar o imaginário sobre o ser homem e impactar a dimensão simbólica de gênero?

Apresentada as questões, tratamos da metodologia e apresentamos a amostra deste estudo. Em seguida, associando a base teórica, discutimos os casos estudados. Nessa reflexão, apresentamos como as relações de gênero são associadas a concepções sobre as funções paternas, via argumentos biológicos, sociais e culturais presentes no senso comum e mesmo sendo construções sociais, são percebidos no cotidiano como "verdades" inquestionáveis que perpetuam as desigualdades de gênero. Paradoxalmente, são esses discursos reiterados que instigam as resistências nas famílias estudadas.

Iniciamos descrevendo as transformações vivenciadas pelos homens estudados, no que tange ao imaginário de uma paternidade ideal, tal como: a reelaboração da identidade pessoal do homem a partir do desejo pela paternidade, por uma ampliação de consciência em relação a desigualdades de gênero, e uma busca por reconhecimento social na figura "pioneira" de cuidador (como eles mesmo expressam). Em um segundo momento, abordamos os conflitos relacionados ao antagonismo entre virilidade e sensibilidade e como as diferenças entre gerações podem ser lidos como conflitos decorrentes de um desajuste ou interrupção de compartilhamento de certos signos, símbolos e valores patriarcais, entre os pais estudados e seus progenitores. Ainda sobre o cotidiano desses homens pertencentes às classes médias urbanas, analisamos as técnicas corporais associadas ao cuidado infantil e, finalmente, consideramos os impactos do

isolamento social imposto em 2021 sobre a forma desses homens se relacionarem com a sua própria paternidade.

## DESENVOLVIMENTO

As transformações sociais das últimas décadas modificaram as configurações das famílias francesas e brasileiras, no que diz respeito ao aumento do divórcio e de famílias recompostas, monoparentais e homoafetivas (Castelain-Meunier, 2011; Itaboraí, 2016; INSEE, 2017; Martial, 2012; 2016; Sutter & Bucher-Maluschke, 2008). No entanto, as definições socioculturais associadas ao termo “pai” ainda mantêm elementos simbólicos baseados no conceito de autoridade, implicando em hierarquia entre gêneros. Segundo o dicionário francês Larousse<sup>2</sup>, “être père” (ser pai), do ponto de vista jurídico, vincula-se a noções como “autoridade; unidade familiar”: *Um homem com autoridade para criar um filho ou filhos dentro da unidade familiar, quer tenha ou não sido genitor deles*. Já o termo “parents” (em português “pais”), em francês, refere-se à mãe e ao pai, e na categoria literária os antepassados. Em português o termo pai é, além de jurídico, moral, que a definição francesa, já que acrescenta ao conceito os termos “Protetor, benfeitor”, segundo dicionário Priberam<sup>3</sup>. Notamos ainda o uso de palavras diferentes para os termos “parentes” usado no português, para designar os antepassados, os ancestrais, e “pais” que se refere à mãe e ao pai, e plural de pai. Ressaltamos como este termo “pais” pode ser compreendida como uma armadilha da língua portuguesa, dado que no país existe um alto índice de abandono paterno, o uso do plural de “pai”, ou seja, “pais” para representar os principais responsáveis, reforça a abstração da figura paterna, que apesar de distante, ou ausente, se faz de certo modo onipresente, ainda que seja performado pela figura da mãe. Esta mãe que, através da linguagem, também está contida nos significados dados ao termo “pais”. E em todas estas definições relacionadas aos pais, estão afastadas do conceito de cuidado.

Joan Tronto, uma das principais teóricas no campo da ética do cuidado, fez um balanço dos autores que escreveram sobre a atividade e a prática de cuidar em artigo publicado em 2008, intitulado "Care". Ela menciona o trabalho das filósofas feministas Sara Ruddick (1989, 1990) e Nel Noddings (1984); dos teóricos de enfermagem P. Benner e J. Wrubel (1989, p. 408) que descrevem "parenting" e "child care" como práticas

específicas de cuidado, mais frequentemente realizadas por mulheres. Ou seja, a maternidade desempenha um papel central em nosso entendimento de cuidado. Para Tronto, este é um enorme campo de estudo, e por esta razão, nesta pesquisa, abordaremos o cuidado considerando-o como *tudo o que fazemos para manter, perpetuar e reparar nosso mundo, para que possamos viver nele da melhor forma possível*. (Fischer e Tronto, 1991, p. 40). De acordo com esta definição, estas são ações que podem ser realizadas independentemente do gênero, mesmo que sejam predominantemente realizadas por mulheres, em um padrão que mantém sua contribuição como trabalho invisível e mal remunerado ou não remunerado. Como Tronto (2008) explica, *o cuidado é tanto uma prática quanto uma disposição*, pois requer compromisso emocional, está diretamente ligado à intenção e à entrega. Visto como *um processo ativo, o cuidado consiste em quatro fases: cuidar de, cuidar com, dar cuidados e receber cuidados*. (Tronto, 2008, p. 248).

Para este estudo, buscamos ir além dos significados dados ao termo “pai”, em busca por alargar o vocabulário que reproduz hierarquias de gênero e não considera as novas masculinidades (o que não significa tomá-las como "superiores" ou acabadas em relação às masculinidades hegemônicas) . Esta busca justifica-se a partir dos resultados empíricos da pesquisa que nos colocou frente a paternidades cuidadoras - próxima e afetuosa - para além dos modelos tradicionais. Entendemos este comportamento masculino como uma subjetividade ainda minoritária.

Nesta busca, por legitimar tal perfil de comportamento, estudiosos contemporâneos articulam conceitos e símbolos relacionados a cuidados para nomear estes pais, como ativos, participativos, envolvidos, atenciosos, presentes. Chamaremos ao longo deste estudo de “pais engajados”, pois entendemos que para estes pais, além de se envolverem com o cuidado das crianças e da casa, precisam se engajar em construir espaços de resistência à imposição da masculinidade hegemônica (Connell, Messerschmidt, 2013).

Com objetivo de investigar a efetividade desse engajamento masculino, selecionamos homens cisgêneros e heterossexuais, que manifestaram sua participação de forma igualitária com as mães da sua prole, ou que realizam de forma majoritária as funções de cuidado das crianças e de afazeres domésticos. Sublinhamos que esta amostra foi realizada de forma conveniente, mas tendo como condição de seleção que as mães deveriam realizar trabalhos remunerados, em jornada integral. Além disso, tendo em vista

o contexto de isolamento social, consideramos como premissa fundamental que tanto o pai, quanto a mãe deveriam ter realizado isolamento social de pelo menos dois meses, com intuito de balizar minimamente as experiências de vivência intensa no ambiente doméstico.

Metodologicamente, combinamos estudo de caso com observação participante. Durante quatro meses (dezembro 2019 a março 2020) a autora principal deste artigo conviveu com uma das famílias francesas, imersão experimental a qual possibilitou a investigação e definição dos eixos de pesquisa que foram explorados para as demais famílias. Durante o período de abril 2020 a junho 2021, foram realizadas visitas periódicas às demais famílias francesas, além da realização de entrevistas semiestruturadas, pessoalmente ou via aplicativo zoom (no caso de famílias brasileiras).

Entendemos que o isolamento social, bastante rigoroso na França, provocou a ruptura das fronteiras territoriais entre o trabalho privado e público, doméstico e de cuidado infantil, mudando as rotinas familiares de uma forma sem precedentes, trazendo uma certa sensibilidade coletiva que marcou o período entre 2020 e 2021, em dimensões nacional e global.

Tanto na França quanto no Brasil, o isolamento social começou em março de 2020, com desdobramentos diferentes em cada um destes países<sup>3</sup>. Em comum, vimos em ambos o fechamento de escolas e creches, o que fez com que famílias de classe média acabassem incorporando funções de cuidado e domésticas à rotina, compartilhando-as no mesmo espaço do trabalho remunerado (no caso das famílias em que o teletrabalho foi possível). Em 2020, ambos os países, a licença-paternidade era de 5 e 20 dias, e portanto, podemos dizer que as restrições de deslocamento promoveram um período de permanência no ambiente doméstico inédito para muitos pais, inclusive para a maioria dos homens selecionados para este estudo.

Seis famílias, sendo três brasileiras e três francesas, compõem a amostra. As famílias residem em diferentes cidades metropolitanas, tanto no Brasil - Recife, São Paulo e Curitiba - quanto na França, mas apresentam semelhanças que os aproximam como grupo comportamental. O interesse dos homens em conhecer, se instruir e discutir sobre paternidade se apresentou como elemento central para a seleção da amostra. Os pais brasileiros eram integrantes de um grupo de discussão sobre paternidade afetiva no

aplicativo *Whatsapp*, e foram indicados por um dos organizadores do grupo. Os pais franceses apesar de não participarem de grupos virtuais voltado para homens, encontram em ambientes majoritariamente dominados por mães, como reuniões de escola e praças infantis, oportunidades de trocarem experiências com outras famílias. Além disso, todas as famílias deste estudo são de classe média, com ambos os cônjuges empregados em jornada de trabalho de pelo menos 8 horas diárias e que realizaram trabalho à distância por pelo menos dois meses durante o ano de 2020. Devido à presença de uma criança com idade entre dois a cinco anos de idade, relatam a necessidade de reorganizarem a rotina de trabalho devido ao fechamento de escolas e a redução do apoio familiar provocado pela pandemia e as imposições do isolamento social.

## RETRATOS DE FAMÍLIA

Antônio é jornalista, tem 35 anos, é casado com Amanda, *personal trainer*. O casal tem uma filha de 5 anos que chamaremos de Ana (todos os nomes são fictícios). Desde o nascimento de Ana, Antônio começou a compartilhar suas inquietações e experiências com a paternidade nas mídias sociais on-line. Tanto ele quanto Amanda relatam que a questão da divisão dos cuidados e do trabalho doméstico sempre foi um tópico de discussão no relacionamento do casal. Tema que já era pautado mesmo antes de se casarem. Eles vivem na mesma cidade que os avós paternos da filha e, depois que Ana nasceu, puderam sempre contar com uma tia para ajudar em algumas das tarefas domésticas. Essa ajuda era para eles uma parte importante para o equilíbrio do casal e para a harmonia da rotina de trabalho. Com a pandemia, Antônio afirma que ele e a esposa ficaram *"neuróticos sobre a possibilidade de contrair a doença e, em particular, de transmiti-la aos membros mais velhos da família"*. Antônio relata que o casal se sentiu obrigado a se privar da ajuda da tia que trabalhava para eles, pois ela é diabética e, portanto, era considerada grupo de risco.

João, 35 anos, é casado com Janaína e ambos trabalham na área de marketing em diferentes empresas multinacionais. Janaína está diretamente envolvida em projetos de diversidade e igualdade de gênero na empresa onde atua. O casal tem um filho de dois anos, a quem chamaremos Juca. Isso significa que Janaína ficou grávida no final de 2020, quando no Brasil já se falava em segunda onda na Covid-19. Como o primeiro casal, este

também vive na mesma cidade que a avó paterna e na mesma rua que a avó materna da criança, mas fisicamente distantes dos avós biológicos paterno e materno. Esta proximidade com os avós criou o que eles descrevem como uma rede de apoio, com avós (e amigos) acompanhando de perto o crescimento de Juca. Em um relacionamento de mais de dez anos, João relata que sempre desejou ser pai e que, mesmo durante a gravidez, já começou a estudar paternidade, e que quando Juca nasceu, começou a escrever em um blog e a compartilhar momentos especiais nas redes sociais.

A terceira família é composta por Luiz, 45 anos, advogado, e Luiza, pais de Luca, de dois anos. Luiza é advogada, socióloga e feminista, trabalha no terceiro setor, com projetos que promovem a igualdade de gênero. Luiz diz que seus pais se separaram quando ele era criança e que ele não teve nenhuma referência paterna próxima em sua infância, então ele sempre teve a intenção de fazer coisas diferentes com seus filhos. Ele diz que quer estar envolvido todos os dias no crescimento de seu filho, para participar de consultas médicas, em tarefas de cuidado e, em casa, desde o início da relação, tornou-se o principal responsável pela cozinha, preparação de refeições e compras. Para ele, a divisão das tarefas domésticas e de cuidado é compartilhada de forma equilibrada, mas que durante a pandemia ele considera que acabou carregando uma carga maior do que sua esposa, pois ela recebeu uma demanda de trabalho maior do que o normal. A família habita no mesmo bairro que a avó materna e na mesma cidade da avó paterna da criança. No entanto, a rede de apoio próxima também foi esgarçada durante o período de isolamento social.

De acordo com os pais (homens) das três famílias, houve um aumento no trabalho doméstico e no trabalho de cuidado. Eles relatam que dedicaram mais de três horas diárias ao trabalho doméstico ou de cuidado e, que durante o período de teletrabalho, muitas vezes eram interrompidos por seus filhos ou por uma demanda doméstica ou familiar. Nenhuma das três famílias se beneficiou de ações públicas como licenças subsidiadas pelo estado ou redução da carga de trabalho para cuidar da família. Eles disseram que durante a pandemia, as interações com a rede de apoio foram minimizadas, inclusive com avós da criança e trabalhadores domésticos, remodelando a dinâmica familiar.

Já entre as famílias francesas, sublinhamos que os três pais foram beneficiados por ações sociais que propiciaram o recebimento de uma licença subsidiada devido à pandemia de Covid-19, por pelo menos seis meses. Elemento diferenciador importante

entre os dois países, que apesar de possibilitar um ganho em horas disponíveis para os pais franceses, não evita a percepção de sobrecarga de tarefas e de demandas emocionais, uma vez que a imposição de confinamento social na França, não se deu de forma optativa como no Brasil.

As famílias francesas que compuseram o estudo residem na região metropolitana de Ilê-de-France (Bagneux, Vitry-sur-Seine e Versailles) ou seja, nas redondezas de Paris. Olivier, 47 anos, é divorciado e detém a guarda completa de seu filho, Pierre, de sete anos. Devido à sua configuração familiar, teve o direito de ficar afastado do trabalho - de marketing, como distribuidor de bebidas - entre março de 2020 e fevereiro de 2021, recebendo 80% do salário. Pai e filho habitam em um apartamento em Bagneux, região periférica ao sul de Paris, distante dos avós paternos que habitam em Montluçon, cidade no interior da França, a cerca de 6 horas de distância. E com a pandemia, as visitas aos avós foram canceladas por receio de contaminação. A mãe de Pierre é de origem tailandesa, onde os avós maternos habitam e região onde Pierre nasceu e ficou até os quatro anos de idade, quando os pais decidiram se mudar para França. Segundo Olivier, a mãe abandonou a família alguns meses depois da chegada a França, o levando a assumir totalmente o cuidado da criança. A partir de 2019 a mãe busca se reintegrar à vida de Pierre, e atualmente mora a duas horas de distância do filho, em Bois d'Arcy. Antes da pandemia, passava dois dias na semana com o filho, mas durante a pandemia, para evitar deslocamentos, a residência do pai Olivier, ficou sendo a residência principal do filho, e portanto houve redução da frequência das visitas à residência da mãe. Olivier relata que nos primeiros anos, assumiu um papel de pai provedor e foi após a partida da mãe que passou a desempenhar o papel de cuidador. Para isso, passou por uma mudança de trabalho, encontrando um formato que o permitisse estar mais presente em casa.

Julien, 35 anos, casado com Helena (origem brasileira), pai de Pedro, bebê que nasceu no início de fevereiro de 2020, ou seja, cerca de 45 dias antes do início da imposição de isolamento social na França. Como militar, Julien tirou 14 dias de licença paternidade e mais um mês de férias. No dia seguinte ao seu retorno ao trabalho, foi anunciado o confinamento social. Por fim, ele passou os dois primeiros trimestres de 2020 em casa, recebendo licença subsidiada devido à pandemia de Covid-19 durante dois meses e fazendo trabalho remoto por mais dois meses, sem impacto na remuneração. Com o nascimento do primeiro filho, a formação de rede de apoio acabou prejudicada devido

ao isolamento social, no entanto Julien relata como a crise sanitária possibilitou que ele acompanhasse os primeiros meses de desenvolvimento do seu filho de forma integral. Como habitam em Versailles, distante dos avós paternos que habitam a quatro horas da família, e os avós maternos que habitam no Brasil, passaram o ano de 2020, majoritariamente isolados de familiares e amigos. O casal apresenta um perfil de comportamento consciente em relação a questões ambientais (se interessam por produzir o próprio mel, por exemplo), e valorizam a comunicação não violenta e a educação positiva como bases do relacionamento familiar. Julien, visando ter mais tempo de qualidade com a família, pretende realizar um processo de transição de carreira, saindo da área militar, para trabalhar com manejo sustentável de florestas. Enquanto isso Helena, formada na área de educação, trabalha como pedagoga em uma escola local de Versailles.

Quanto ao terceiro pai, Said, 43 anos, separado e que detém a guarda compartilhada de seu filho Pietro, de sete anos. O filho habita com a mãe, em uma cidade no sul da França, e Said, que habita na região metropolitana de Paris, cuida do filho durante os períodos de férias e feriados. Esta distância vivenciada após separação do casal, quando o filho tinha três anos, foi enfrentada com muita dificuldade pelo pai, que foi o principal cuidador nos dois primeiros anos de vida de Pietro, beneficiado por uma licença parental de dois anos, enquanto a mãe retornou ao trabalho após três meses do nascimento de Pietro. O casal desejou e planejou a chegada do primeiro filho durante os três primeiros anos de relação, era o grande desejo de ambos, e a opção de Said ser o principal cuidador se consolidou rapidamente e sem resistências por parte de ambos. A mãe de Pierre, com 39 anos, feminista e agricultora estava em ascensão na empresa onde trabalha, enquanto Said estava descontente com o trabalho e viu na licença parental, uma oportunidade de vivenciar o crescimento de Pierre de perto e refletir sobre uma transição de carreira. Said, cujos os pais são separados, cresceu sem uma referência paterna e relata como buscava no exercício da paternidade cotidiana uma reconciliação com a própria história. Nos anos de 2020 e 2021, a distância física foi intensificada devido às restrições de deslocamento entre cidades, impostas pelo governo francês, mas ele garantiu as visitas trimestrais e aumentou a frequência e duração das interações via skype. Said, no início da pandemia de COVID-19 estava passando por um período de reconversão profissional, deixando o trabalho na biblioteca nacional de Paris para trabalhar com metalurgia, portanto, foi contemplado pelo benefício de licença subsidiada pelo governo devido a

pandemia de Covid-19, correspondente 80% a faixa salarial dos últimos salários, durante 2020.

## PAIS ENGAJADOS

Entendemos que no processo de articulação da identidade dos indivíduos neste estudo, três elementos são marcantes: 1. o desejo pulsante de ser pai; 2. a consciência de um processo de transformação pessoal em relação à identidade antes da paternidade; e, finalmente, a busca do reconhecimento social neste novo papel exercido a partir de moldes que se distanciam da expectativa de senso comum quanto ao exercício da paternidade. Comportamento que chamamos aqui de paternidade engajada.

Se a paternidade “engajada” pressupõe uma intenção de exercer o papel de pai de forma autêntica, diferente das referências recebidas, esta intenção, entende-se que está ligada a elaboração da identidade e subjetividade paterna que busca ressignificar as experiências convencionais num esforço de qualificar a paternidade como lugar identitário e significativo.

Para os pais que compuseram o corpus desta pesquisa, exercer a paternidade é agir de forma diferente e, por vezes, oposta à que experimentaram ao longo de suas vidas como filhos. Suas declarações mostram momentos de reflexão, questionamento, ansiedade, mas também revelam descobertas de novas possibilidades identitárias e de masculinidade, que os leva a questionar e, no limite, abandonar modelos parentais que não lhes convém.

É essencial sublinhar que os pais participantes deste estudo declaram que desejavam ser pais e que desejaram seus filhos mesmo antes da concepção. Declararam que acompanharam a gravidez e o nascimento com alegria, considerando o parto como um dos momentos mais importantes de suas vidas.

Julien, relata como esteve envolvido no processo de concepção:

A questão da maternidade e paternidade é algo que eu e Helena construímos juntos, quando começamos a querer filhos, tentamos e não funcionou facilmente. Fizemos uma imersão técnica nos livros e com os médicos, até que realizamos um processo de inseminação in vitro. Se tivesse sido fácil, talvez eu saberia como exatamente as crianças são feitas. (Julien, entrevista gravada em dezembro de 2020)

Luiz, resgata como seu comportamento está relacionado com a intenção existente mesmo antes do nascimento de seu filho:

Sempre tive a intenção de que quando eu me tornasse pai, eu estaria envolvido na educação de meu filho todos os dias. Então eu sigo suas lições, sua dieta, o levo ao médico, sei tudo sobre meu filho (Luiz, entrevista gravada em junho de 2020).

Para João que também diz que sempre quis ser pai, houve uma idealização da relação com o filho, pensada como próxima e afetuosa. Hoje ele entende esse modelo como paternidade “ativa”. João relata que aprende todos os dias a ser pai, mas o uso do termo paternidade “ativa” ilustra um desejo de legitimar este lugar de paternidade que vai além do imaginário comum de ser um pai. Assim como João usa espontaneamente o termo paternidade ativa, Antonio durante toda a entrevista menciona a expressão "pai real, pai verdadeiro" em uma tentativa de nomear e delinear os contornos de uma paternidade que ele considera diferente da compreensão mais corrente de paternidade.

Em relação a momentos de tomada de consciência quanto às expectativas sobre o papel paterno, trazem no discurso elementos que podemos associar a traumas infantis que marcaram suas subjetividades. Os pais citam que começaram a falar sobre expectativas de comportamento paternal no início das relações amorosas. Luiz, João e Said apontam que cresceram fisicamente longe de seus pais biológicos, devido a divórcios e mudanças, e que como pais querem fazer o oposto do que seus pais biológicos fizeram. Além disso, João também nos conta que sua esposa nunca viveu com um pai em casa que fosse um grande pai e que ela relata que sempre teve este sonho. Já Antônio, embora tenha crescido com seus pais, ele aponta que sua esposa, Amanda, cresceu sem sequer conhecer seu pai biológico e sempre demonstrou a necessidade de se sentir segura em relação ao seu parceiro, pois não queria que o abandono paterno se reproduzisse na criação de seus filhos. Outro elemento marcante nos relatos dos pais é em relação às muitas exigências do trabalho que são incompatíveis com o formato de paternidade que eles buscam exercer. Os pais franceses - Olivier, Julien e Said - relatam que após o nascimento dos filhos viram na conversão de carreira uma possibilidade de acompanhar de perto o crescimento dos filhos. Para os pais brasileiros, apesar de não vislumbrar uma mudança de emprego, relatam como passaram a ser porta-voz sobre direitos paternos, paternidade e parentalidade nas empresas que trabalham.

Neste processo de reelaborar a paternidade em termos distintos do que eles mesmos haviam conhecido, os homens que colaboraram com esta pesquisa precisam lidar com reconfigurações nas relações de gênero que envolvem enfrentamentos sobre noções hegemônicas de masculinidade e parentalidade, o que os têm levado a compor novas expressões identitárias para se localizarem e se identificarem publicamente. Neste sentido, o uso das redes sociais on-line tem se mostrado um território importante para esta ressignificação, para os três pais brasileiros, principalmente.

Mesmo que nestes esforços de representação de si esses novos termos ainda não estejam bem estabelecidos, parece-no claro que eles se empenham em construir a paternidade que exercem em um jogo de oposição ao papel paternal mais tradicional, importando elementos do território de cuidado e testando em tempo real as misturas possíveis. Criam, assim, um outro vocabulário capaz de substantivar o imaginário de uma nova paternidade. Como Godelier (2007) demonstrou, "o reino do imaginário é, portanto, um mundo real, composto de realidades mentais, que ele chama de 'realidades ideais'". (p. 37).

Em relação à idealização da função paterna, os pais entrevistados afirmaram que o mundo mudou, e que as relações de gênero são hoje mais assimétricas, bem como as discussões sobre outros arranjos de famílias, como as homoafetivas, são mais visibilizadas e respeitadas. No discurso dos pais, há uma reflexão sobre o futuro, como pergunta Antônio: "Que tipo de mundo eu quero para minha filha? Para tentar ter um impacto no mundo, começa com minha presença como pai" (Antônio, entrevista gravada em junho de 2020). Por outro lado, João está convencido de que suas reflexões e atitudes hoje, além de servir como uma referência positiva para o coletivo, também servirão para fazer de seu filho um bom indivíduo para o mundo, a partir de uma perspectiva de consciência ambiental, social e política.

Em todos os casos, os pais foram unânimes em relação à dificuldade de encontrar outros homens que desempenham de forma similar a função paterna. Por vezes, até amizades antigas podem ser afetadas pelo fato deles desempenharem esta função paterna "engajada". Amigos que não são pais como eles se distanciam, colegas de trabalho e pessoas do círculo social da universidade não entendem por que esses pais estão realizando atividades desempenhadas majoritariamente por mães. Este processo de mudança de rede social, é tradicionalmente vivenciado pelas mães durante o puerpério,

mas o que é interessante aqui é entender o processo de transformação com os pais, e observar até que ponto é percebido por eles.

Luiz, por exemplo, conta como "há poucos homens que podem lidar com estas questões, poucos deles têm este envolvimento nas tarefas domésticas, haveria alguns, dois ou três, talvez quatro pais que eu conheço" (entrevista registrada em junho de 2020). Antônio diz que ele teve que ser rigoroso com amigos que, mantendo uma postura rígida sobre reprodução de estigmas relacionados a estereótipos de gênero, pois por vezes eles acabam fazendo piadas sexistas, por exemplo, desrespeitando-o e a sua filha. Ele diz que no Brasil é comum brincar que aqueles que têm filhas devem segurá-las e protegê-las, pois os filhos de seus amigos logo se tornarão predadores delas. Também é comum ouvir dizer que "um homem que desempenha tarefas de cuidado ou domésticas foi castrado por sua esposa". João e Antônio disseram que encontraram nas redes sociais uma maneira de expressar suas reflexões, de se conectar com outros pais que passam pelo mesmo processo e encontrar uma legitimidade social, uma forma de autoafirmação, um estímulo e apoio social que alimentou esta transformação de forma viva e poderosa.

## CONFLITO ENTRE VIRILIDADE E SENSIBILIDADE

De acordo com Godelier, "a função simbólica é descrita como uma instância produtora de sinais inscritos em nossa psique" (Godelier, 2015, p. 219). Portanto, não é necessariamente um processo consciente, mesmo que seja sempre dinâmico: os símbolos só continuam a ser socialmente eficazes se continuarem a fazer sentido para todos ou parte dos membros de uma sociedade. Falando em representações de parentesco, dois grandes registros simbólicos coexistem segundo os estudos de Fine e Martial (2010), "um referente às circunstâncias materiais da concepção (esperma, gâmetas, genes, sangue compartilhado), enquanto o outro se baseia na vontade, na realidade afetiva e educativa, na experiência vivida de uma relação parental" (citado em Martial 2012, para. 6). A segunda forma, que pressupõe intenção e desejo, na sociedade contemporânea está começando a adquirir maior relevância simbólica, devido às transformações sociais, legais e culturais que estão mudando os sinais associados à paternidade. O processo dialético de pensar o mundo em nossa sociedade ocidental passou a relacionar o sensível com o feminino e o racional com o masculino.

Você se torna um hermafrodita, tanto pai quanto mãe, não tem escolha. (Olivier, entrevista gravada em março de 2020)

Para Olivier, pai divorciado e principal cuidador de seu filho, podemos observar o conflito pessoal entre "ser Olivier e ser o pai de Pierre" porque, segundo ele, "há uma diferença entre o que eu sou e o que eu deveria ser... É um drama, se você não tem uma parceira, você é o modelo. O problema é que às vezes você está em conflito consigo mesmo" (Olivier, entrevista gravada em março de 2020). A antropóloga Martial afirma que uma grande proporção de pais "solitários" experimentam conflitos significativos "intra-gênero", ao se depararem com julgamentos negativos acerca do modo de ser e de fazer com seus filhos, especialmente do entorno masculino (Martial, 2012, parag. 33). Ao observar o discurso dos demais pais, também notamos elementos relacionados à conflitos entre ação e elaboração. Segundo o levantamento do historiador Alain Corbin (2011), a masculinidade construída no século dezenove, imposta aos homens estava ligada ao "vigor, energia, ardor e coragem" (Corbin, 2011, p. 358) foram estabelecidas em oposição a características entendidas como femininas, e especialmente maternas.

Se considerarmos que a sensibilidade é uma questão de intensidade e nível de tolerância, sabemos que as percepções individuais são diferentes e, portanto, que o discurso por si só não oferece elementos suficientes para compor o cenário do universo sensorial doméstico dessas famílias. Apesar disto, podemos trazer aqui o discurso de João que mostra exatamente esta diferença de percepção do que é uma casa arrumada entre ele e seu parceiro. Para ele, o lugar deve estar limpo, sem poeira nos móveis ou sujeira no chão, mesmo que haja brinquedos que não estejam exatamente em seu lugar específico. Enquanto sua esposa parece se importar mais em colocar as coisas em seu lugar do que em limpar o pó dos móveis exatamente toda semana:

Para ela é muito mais importante que os brinquedos de Juca estejam arrumados, e para mim é mais importante que esteja limpo, ou seja, no final do dia, cada um tem um peso diferente para ver as coisas. (João, entrevista gravada em junho de 2020).

Este caso de João é emblemático e ilustra como a autopercepção pode variar consideravelmente dentro de uma relação heteronormativa, pois a subjetividade de mães e pais, embora compartilhando o status parental em relação a uma criança, diverge na intersubjetividade dos grupos de gênero, resultando em percepções sensoriais distintas.

## PRÁTICAS DO CUIDADO

A fim de analisar as práticas realizadas por esses pais, procuramos identificar nos discursos dos participantes os detalhes associados às técnicas corporais exercidas em seu cotidiano. Até que ponto há um domínio das funções e atividades de cuidado, desde quando e como elas são realizadas? Ou seja, que os homens saibam utilizar seus corpos, levando em conta o processo de socialização de cada cultura ou contexto e que novas técnicas sejam incorporadas. Optou-se por pensar as práticas cotidianas deste ângulo, considerando que Marcel Mauss enfatiza a divisão sexual como uma das taxonomias das técnicas corporais (1989, p. 373-375), assim como a idade, ou a classe social desempenhada e transmissão das formas técnicas. Como nos diz Gélard em seu artigo "Les techniques du corps de Marcel Mauss", como a divisão sexual se tornará um tema chave na antropologia social através de estudos de gênero, embora poucas análises cruzem as técnicas corporais de referência e a produção social de identidades de gênero (2013, p. 86). Ou seja, associar técnicas do corpo com um recorte de gênero e cuidado, trata-se de uma abordagem pouco explorada academicamente. Por outro lado, é preciso reconhecer que o campo de *care studies* teoriza sobre o cuidado como um trabalho "sustentador da vida". Tronto, traz evidências sobre a falta de percepção sensorial dos homens em relação à compreensão, reconhecimento e redistribuição das tarefas de cuidado e argumenta que o cuidado é tanto uma prática quanto uma disposição, uma vez que requer compromisso emocional e está diretamente relacionado à intenção e à entrega (Tronto, 2008).

Nossas entrevistas e observações mostram como a chegada de um bebê requer a aprendizagem e a incorporação de novas funções, aptidões e competências. Os pais relatam terem acompanhado o processo de gestação dos filhos desde o início, momento este que, juntamente, com as esposas, aprenderam os gestos relacionados aos cuidados com o bebê. Frequentaram cursos nas maternidades, leram livros e consumiram conteúdo para as mães e, junto com elas, testaram práticas relacionadas ao banho, apoio à amamentação, a colocar para arrotar, identificar o significado de cada tipo de choro, realizar as massagens para cólicas. No cotidiano aprenderam a acordar várias vezes à noite e ainda ter energia pela manhã, preparando a comida do bebê e camuflando o cansaço, nervosismo ou tristeza durante os momentos com os bebês. Eles relatam que

descobriram tudo juntos, em um processo de equipe, com cada um deles assumindo certas funções como principais responsabilidades.

Antônio e João contam que a hora do banho tornou-se o principal momento de aproximação entre pai e filho: estavam presentes no primeiro banho e logo no início assumiram este papel completamente. Para Luiz, que sempre foi o principal responsável pela preparação das refeições em casa, assim que o casal decidiu realizar a introdução alimentar, ele começou a produzir alimentos diferentes e fez do momento de preparar e comer a refeição um momento especial para a família.

Além da função de preparação de alimentos, os pais no estudo mencionam espontaneamente a necessidade de se organizarem para comprar alimentos com antecedência. Eles relatam a necessidade de pensar adiante, ser criativos, ter idéias para pratos, comprar ingredientes com antecedência e saber quanto tempo cada tipo de preparação leva.

Entendemos que os impactos da restrição de deslocamento devido à pandemia da COVID-19, devem ser analisados como um dos elementos da categoria de técnicas corporais, pois concluímos que todos os pais participantes já tinham uma rotina de cuidados e de manutenção da casa mesmo antes da pandemia. Para estes casos estudados, não podemos dizer que a pandemia desencadeou grandes mudanças no comportamento destes pais que já estavam integrados, predispostos a práticas de cuidado. Entretanto, as habilidades de autocontrole, paciência e criatividade na diversificação da rotina das crianças, podem de fato ser consideradas como habilidades consideradas desenvolvidas pelos pais no período analisado. Além do rompimento preventivo da rede de apoio composta por outras mulheres da família ou contratadas.

Para Luiz, o isolamento social foi uma época de aumento de horas e funções porque a esposa acabou sobrecarregada pelo trabalho remunerado. Ele se sentiu sobrecarregado já que a diarista da família deixou de realizar as tarefas mais pesadas uma vez por semana.

João e Antônio detalham como a prioridade deles e das esposas foi sempre dada às crianças. Os casais traçaram estratégias para garantir que as crianças não estivessem sozinhas, mesmo que ambos os pais estivessem em teletrabalho, eles dividiram cuidadosamente as tarefas para que pudessem dedicar mais atenção ao trabalho. Este é

um elemento fundamental para se pensar em uma divisão igualitária entre os gêneros. No cenário de crise sanitária e do consequente isolamento social, o cuidado como parte de uma economia doméstica emocional e da divisão do trabalho é fator fundamental para a vida de casais com filhos.

Em um momento no qual as tarefas domésticas tiveram de ser realizadas entre reuniões e demandas das crianças, combinar estratégias de cuidados e pactuar formas de divisão de funções foi algo que parece ter reforçado o senso identitário de "pais engajados". Pudemos ouvir as esposas de João, Antônio e Luiz que afirmaram que diante desta mudança radical na rotina e do fato de que todos estarem em casa o tempo todo, sem a ajuda de funcionários ou familiares, essas pactuações foram fundamentais como técnica de cuidados:

... nesta parte da casa, a limpeza e arrumação é um pouco improvisada. Nós trabalhamos na cozinha, não temos um escritório, meu quintal é a cozinha, então se um de nós tem cinco minutos antes de outra reunião e o outro está com Juca, ele pega o aspirador de pó e volta rapidamente para a reunião. A outra, entre as reuniões, lava os pratos, então temos que improvisar, e às vezes deixamos para isso. (João, entrevista registrada em junho de 2020)

Luiz e sua família vivem em um apartamento modesto, o casal conta como foi complicado ficar isolado por mais de três meses, saindo apenas em situações realmente necessárias, como idas a supermercado, médico, farmácia ou algumas situações muito específicas no trabalho. Luiz sublinha que o mais difícil foi “ não ter tempo suficiente para mim”. No discurso dos seis pais, identificou-se elementos de fadiga psicológica e física de forma recorrente.

Entre os pais entrevistados, observamos uma consciência da complexidade da carga mental e de trabalho, a intenção dos pais de desempenhar um papel protagonista na execução das tarefas e a valorização do trabalho realizado pela mãe. Reconhece-se que muitas vezes eles têm que estar dispostos a aprender com suas cônjuges e seus filhos. E mesmo que seja difícil introduzir comportamentos que não tenham sido integrados ao longo de suas vidas, há também uma adaptação na forma como suas parceiras reconhecem e legitimam a maneira como estes pais desempenham as funções de cuidados e as tarefas domésticas. Este é um processo de conflito e mudança de paradigma que suscita dúvidas e incertezas e requer um diálogo frequente.

Acreditamos constatar elementos que indicam que nos últimos anos, houve uma incorporação de novas atividades no cotidiano paterno das famílias estudadas. E que esta assimilação de rotina de cuidado direcionou o comportamento paterno destes homens durante o período de isolamento social imposto para 2020. Dito isso, confirmamos a argumentação de Godelier, de como ao desempenhar determinadas atividades no cotidiano pode alterar as narrativas, transformar o campo simbólico e imaginário. Ele explica que *"é ao ser encarnado em práticas e objetos que o simbolizam que o imaginário não só pode agir sobre as relações sociais já existentes entre indivíduos e grupos, mas também estar na origem de novas relações entre eles, que modificam ou substituem aquelas que existiam antes"* (Godelier, 2007, p. 37).

## CONCLUSÕES OU CONSIDERAÇÕES FINAIS

Através do estudo realizado, tentamos compreender a vida cotidiana - fortemente impactada pelo isolamento social em 2021 - e a elaboração da narrativa de um pai "engajado", buscando identificar os elementos reais, simbólicos e imaginários que constituem as inspirações e resistências dos casos estudados de pais contemporâneos brasileiros e franceses. Dentre os contrastes observados neste campo multissetorial, ressaltamos como as três famílias estudadas na França, foram beneficiadas por auxílios sociais que permitiram aos pais redução das jornadas de trabalho, sem grandes impactos na renda familiar. As redes de apoio destas famílias, são majoritariamente compostas por serviços sociais como creches, uma vez que os avós não habitam na mesma cidade, e as famílias não possuem o hábito de contratar funcionárias domésticas. Já no Brasil, nenhum dos cuidadores obteve licenças ou auxílios sociais que permitissem redução da carga de trabalho, no entanto, todos realizaram teletrabalho de março a maio de 2020. Como característica presente nas famílias brasileiras, a rede de apoio composta por familiares e funcionárias domésticas foi consideravelmente reduzida no período estudado, levando a acumulação de função para as mães e pais.

Dentre as similaridades observadas, em um quadro comparativo, observamos que, apesar da distância geográfica e cultural, o comportamento dos pais neste perfil, que chamamos de pais engajados, é muito semelhante. Utilizamos uma estrutura teórica e demográfica que nos permitiu delimitar um ponto de partida para o imaginário coletivo

acerca dos engajamentos paternos, para então delimitar o movimento de "mudanças" nos comportamentos paternos nas famílias contemporâneas. Lançamos então uma pergunta de pesquisa, tentando entender se o período de isolamento social desencadeou mudanças no comportamento parental em direção a um maior equilíbrio no casal. Podemos concluir, que o exercício de um "desempenho paterno engajado" parece estar menos relacionado à circunstância atípica do isolamento imposto pela crise sanitária da COVID-19, do que a um processo de reflexivo sobre questões de igualdade de gênero e questionamentos sobre a masculinidade hegemônica, a partir do acesso contemporâneo a um vocabulário de gênero mais alargado. A popularização dos feminismos e a maior visibilidade dos movimentos que lutam com direitos humanos sexuais, tem, em ambos os países colaborado neste sentido. Em outras palavras, embora a restrição de deslocamento traga uma intensidade sem precedentes (de tempo e função) para o ambiente privado, os pais neste estudo já estavam envolvidos em um processo de reflexão e incorporação das funções de cuidado do lar e da família.

É importante esclarecer que não se pretende celebrar a “paternidade engajada” como uma transformação das masculinidades, mas antes tornar visível a existência dessas novas configurações familiares, cercadas de incertezas, de experimentalismos e de silêncios. Procuramos, sobretudo, captar os sentidos elaborados em torno da paternidade a partir do ponto de vista dos pais estudados. O que propomos, a partir da análise das entrevistas e do campo etnográfico, é que a criação de novas realidades para o exercício da paternidade é um processo novo e tateante no campo das masculinidades de homens de classe média. Sem terem o mesmo arsenal teórico e o mesmo histórico de luta que as mulheres encontraram nos feminismos, esses homens ainda buscam referentes que os ajudem a desafiar as estruturas que alicerçam as relações de gênero a partir de binarismos hierarquizados e que têm na divisão sexual do trabalho, um elemento estruturante dessas desigualdades.

Identificamos no discurso dos pais estudados, um esforço de sedimentar um terreno discursivo e simbólico capaz de conferir coerência ao exercício da paternidade engajada e o ser homem. Além de buscarem criar referências para outros homens, a partir das redes sociais on-line e/ou de seus próprios exemplos para a reflexão sobre seus envolvimento com a prole e a rotina doméstica. Consideramos, por tudo isso, que há potência de transformação nessas posturas críticas, materializadas em cuidados dos

homens com casa e filhos. Há, assim, um enfrentamento neste, ainda tímido movimento, que articula o contexto das antigas simbologias da virilidade e da dominação, para uma abordagem do universo sensível que reelabora o papel paterno para além do ambiente privado, contribuindo para criar fissuras nas percepções sociais de gênero. O que não se fará sem enfrentamentos políticos que visem transformar também políticas de Estado.

## CITAÇÕES E REFERÊNCIAS

CASTELAIN-MEUNIER, Christine. (2011). Masculinités et « mobilité des identités » dans une société en transition. Daniel Welzer-Lang éd., Masculinités : état des lieux (pp. 25-40). Toulouse, France: ERES. Disponível em: <https://www-cairn-info.sirius.parisdescartes.fr/masculinites-etat-des-lieux--9782749213637-page-25.htm> (acessado em 5 dezembro 2019).

CONNELL, Robert W.; MESSERSCHMIDT, James W. Masculinidade hegemônica: repensando o conceito. Revista Estudos Feministas, v. 21, p. 241-282, 2013.

CORBIN, Alain., COURTINE Jean-Jacques et VIGARELLO Georges., Histoire de la virilité. Volume II, Le triomphe de la virilité. Le XIXe siècle, dirigé par Alain Corbin, Paris, Le Seuil, 2011, p. 512

INSEE, Structure des familles avec enfants mineurs – Données annuelles de 1990 à 2017. 2017. Disponível em: <https://www.insee.fr/fr/statistiques/2381508> (acessado em 5 junho 2020)

ITABORAÍ, Nathalie Reis. Mudanças nas famílias brasileiras (1976-2012): Uma perspectiva de classe e gênero. Rio de Janeiro: Garamond, p. 480, 2016

FISHER Berenice, TRONTO Joan. C., « Toward a feminist theory of care », in ABEL E. et NELSON M. (sous la dir. de), Circles of Care : Work and Identity in Women's Lives, State University of New York Press, Albany, NY., 1991.

FONSECA, Cláudia. Une Mere Unique ? Reflexions Autour de Quelques Cas brésiliens. Psicologia USP, 13 (2), p. 49-68, 2002.

GILLIGAN, Carol. Le care, éthique féminine ou éthique féministe ?. Multitudes, 37-38(2-3), 2009, p. 76- 78.

GODELIER, Maurice, Au fondement des sociétés humaines. Ce que nous apprend l'anthropologie, Paris, Albin Michel, 2007, p. 37-38

GODELIER, Maurice, Chapitre 2. Mythes et légitimations idéologiques de la domination masculine. Dans : Catherine Vidal éd., *Féminin/Masculin: Mythes et idéologies*. Paris: Belin. 2015, pp. 27-38

MARTIAL, Agnès. *Paternités contemporaines et nouvelles trajectoires familiales*. Ethnologie française, Presses Universitaires de France, 2012, XLII (1), pp.105-116.

MARTIAL, Agnès. *Des pères « en solitaire » ?. Ruptures conjugales et paternité contemporaine*. Aix-en-Provence, France : Presses Universitaires de Provence. 2016.

NEYRAND, Gérard. Introduction. Dans : , G. Neyrand, *L'enfant, la mère et la question du père: Un bilan critique de l'évolution des savoirs sur la petite enfance*. Paris cedex 14, France: Presses Universitaires de France. 2011, pp. 1-23.

TRONTO, J., « Du Care ». *La Découverte* | 2008/2 n° 32 | 2008, p. 243 à 265. Disponível em: <https://www.cairn.info/revue-du-mauss-2008-2-page-243.htm> (acessado em 5 janeiro 2021)

## NOTA(S) EXPLICATIVA(S) COMO NOTAS DE FIM

<sup>1</sup> Relatório Pais em casa, 2020, realizada por Camila Pires Garcia, Tayná Leite, em parceria com organização 4 Daddy especializada em paternidade, e Bianca Ambrosio, especialista em estatística. Disponível em <https://www.paisemcasa.4daddy.com.br> (acessado em 23 de março de 2021).

<sup>2</sup>Larousse: definição das palavras pai, pais, em francês “père, parents”. Disponível em: <https://www.larousse.fr/dictionnaires/francais/p/c3%a8re/59470> (consultado em 23 de fevereiro 2021). | Priberam: definição das palavras pai, pais, parente. Disponível em: <https://dicionario.priberam.org/pais> e <https://dicionario.priberam.org/parente> (consultado em 23 de fevereiro 2021).

<sup>3</sup>Crise sanitária na França: Durante os anos de 2020 e 2021, consideramos a proibição de deslocamento na França em resposta à pandemia de Covid-19, contempla medidas de restrição, importas pelo governo em três ondas. A primeira onda se deu de 17 de março a 11 de maio de 2020 (ou seja, 1 mês e 23 dias) durante os quais as escolas foram parcial ou totalmente fechadas. O segundo período de isolamento foi de 30 de outubro a 15 de dezembro de 2020 (ou seja, 1 mês e 14 dias) e o último de 3 de abril a 3 de maio de 2021 (ou seja, 28 dias). Com a possibilidade de solicitar o desemprego parcial, ou um sistema de cuidado infantil criado pelas prefeituras para cuidar dos filhos do pessoal prioritário, a ajuda social foi anunciada pelo governo de forma sistemática, oferecendo às famílias a possibilidade de permanecerem em casa.